

Fotografia e cultura lúdica

*Na análise do pequeno momento singular se
descobre o cristal do acontecimento total.*

Walter Benjamin

Nas fotografias de família revisitadas, vejo-me clicada em cenas do cotidiano como aquelas descobertas nos álbuns de minha avó. Algo me cativava nelas, mas não encontrava meios de expressar o que sentia. Ao longo da pesquisa que deu origem a este trabalho, seguindo mais uma vez as orientações de Benjamin, eu as vi e revi várias vezes. De todas aquelas reunidas, lembrava ainda de algumas que não sabia por onde andavam. À medida que minhas reflexões em torno da cultura lúdica se aprofundavam, elas foram ganhando outros possíveis sentidos.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. (...) (Benjamin, 1985, p. 239)

Aproximei algumas cenas, a princípio banais, mas que aos poucos foram entrando em diálogo com outras. Na primeira fotografia, originalmente com 22,5 cm de comprimento e 11,0 cm de largura, apareço bebendo um copo d’água, de costas para quem me fotografa; na segunda, (16, 5 x 11,0 cm), tomando banho e na terceira, de (23,5 x 17,0 cm), observando minha mãe fazendo o pé. São, portanto, cópias grandes que sempre estiveram comigo em caixas ou afixadas num quadro já mencionado anteriormente.

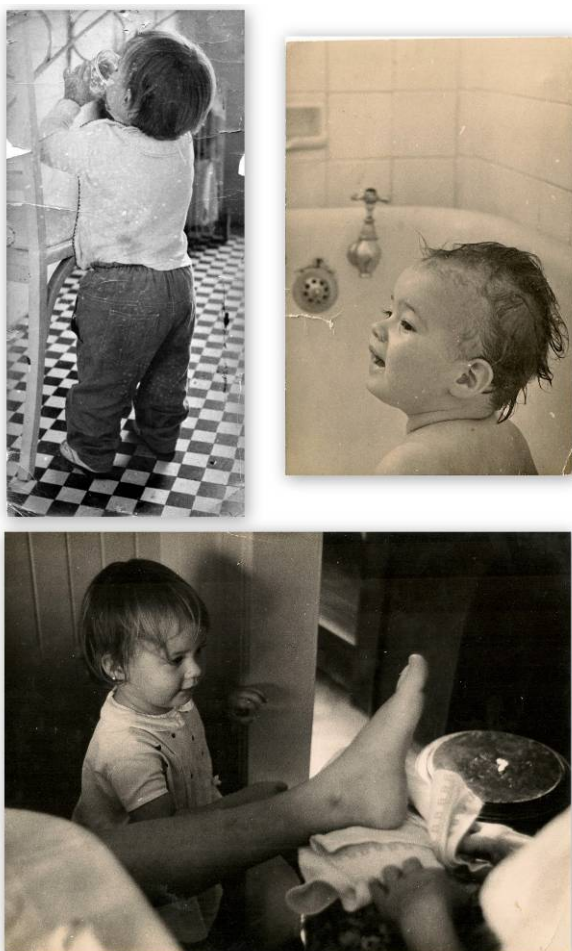


Figura 34: Bebendo água; Na banheira;
Observando a pedicure

Duas outras que estavam misturadas em caixas, na casa de meus pais, não me chamavam tanto a atenção e nem me lembrava de tê-las visto muitas vezes antes. A primeira está tremida e muito clara, mas a segunda tem uma luz harmoniosa e compõe um quadro muito delicado em que observo minha mãe trocando a fralda de minha irmã. Elas tem uma escala bem menor que as outras (14,0 x 9,0 cm).

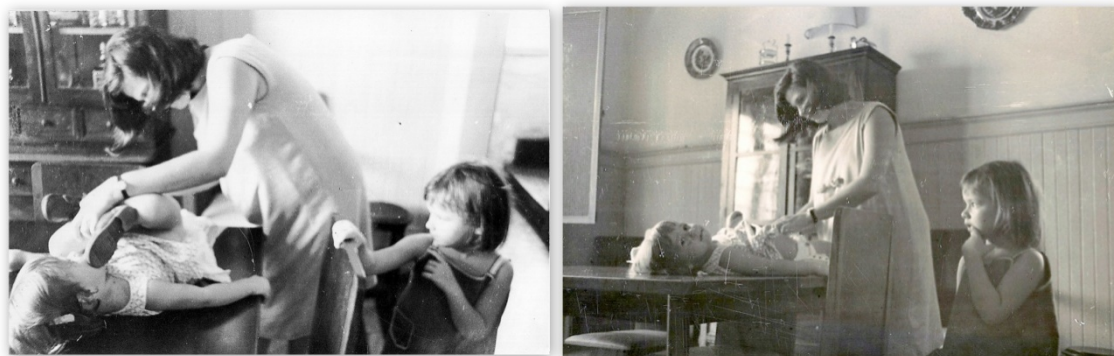


Figura 35: Troca de fraldas e de olhares

No entanto, no processo de minhas escavações, ganharam um sentido especial, pois:

(...) se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno do hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (Benjamin, 1985, p. 239-240)

Elas apresentavam um momento de aprendizagem importante e poucas vezes registrado e valorizado em nossa sociedade. Por meio da observação, a filha mais velha compartilha com a mãe os cuidados com a irmã menor. Nesse cuidado, valores são transmitidos nos gestos, nos olhares e nas palavras proferidas.

Duas outras fotos, que sempre me intrigaram, detiveram mais uma vez meu olhar, sem que de imediato conseguisse identificar o motivo. Numa estou mais velha, com uns 5-7 anos e me vejo flagrada comendo biscoito (24,0 x 14,0 cm) e na outra (19,0 x 14,0 cm), “dando língua” para o fotógrafo.



Figura 36: Escondida

A primeira está marcada por furos nas pontas - sinal de que já ficou exposta – e, parece que fui pega em flagrante, fazendo algo escondido. Vê-se pelo segundo plano que estou em meio a outras crianças. Mas o ângulo escolhido provoca a inversão do nosso olhar: primeiro mostra as outras crianças, vemos que uma delas, mesmo que fora de foco, olha diretamente para a câmera e só depois pousa em mim. Chegando em mim, vemos uma menina com cerca de 5 anos que não está sozinha, mas age como se estivesse. Os ombros suspensos e a cara marota parecem indicar que conta com a cumplicidade do fotógrafo. Pergunto-me: se tentava esconder-me, por que o faria diante da câmera? Do alto de minha experiência sobre o brincar, eu mesma respondo: porque estou “fazendo de conta” que estou escondida.

Na segunda foto, também não estou sozinha. Há alguém atrás, fora de foco. Olho de cima para baixo. O fotógrafo parece ter se abaixado para capturar a imagem.



Figura 37: “Dando língua”

Algumas reflexões oriundas do campo da antropologia podem iluminar a interpretação desses gestos. Para saber se fazem parte de um determinado código cultural, é necessário conhecer a cultura na qual emergem. O conceito de cultura defendido por Geertz (1978) é essencialmente semiótico:

Acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado. (1978, p. 15)

Ao tomar como exemplo as piscadelas, o autor aponta que estas podem ter vários sentidos: uma ação involuntária, um código ou, ainda, a imitação proposital de um gesto não intencional. E para ele, o que devemos indagar é qual a sua importância: o que está sendo transmitido com sua ocorrência e através de sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho. (p.20)

A língua para fora pode ser interpretada, entre nós, de várias maneiras. Pode ser vista como um desafio à autoridade e ser considerada uma bem humorada “falta de educação”. Mas como vem acompanhada de um leve sorriso, pode traduzir algo como “você me pegou!”, frase usada, por exemplo, num jogo tradicional como o pique pega, em que um participante é o caçador e o outro a caça. Naquela foto, fui pega sem querer, sabendo que estava sendo perseguida

pela câmera, como se houvesse um jogo entre mim e o fotógrafo. E é assim que vejo esta imagem.

Nas duas fotografias, o eu-criança dirige o olhar para um outro-adulto e quando as vejo hoje, compartilho da sensação de Bucci (2008) quando analisa uma foto de seu álbum de família. Não sinto que o tempo retorne ao contemplá-las, pois não sinto que aquele tempo tenha ido embora. É como se a cena ainda estivesse lá. Para o autor, esse jogo de temporalidades inscritas nessas fotografias não pode ser interpretado de forma linear, mas afetiva:

Essa segunda temporalidade se manifesta como um presente expandido. Na falta de uma analogia melhor, digo que ela está próxima da temporalidade de um sonho, dentro do qual o que se passou há 25 anos continua se passando com a mesma carga de novidade. Nos sonhos, como todos aprendemos a admitir, não há a cronologia estrita que começa no passado, atravessa o presente e se projeta para o futuro; todos os atos são simultâneos, desejos e lembranças se equivalem em vivacidade. É mais ou menos na mesma medida que o relato que está inscrito no álbum de família não se tece de pretéritos, mas de presentes. Eles constituem a presença que eu sou. (pg. 75)

No entanto, Kossoy (2007) chama a atenção de que “a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo”. (p.42)

Ao tomar aquelas duas fotografias, no presente, não posso esquecer que sou eu-adulta vendo o eu-criança que parece olhar para um observador externo que poderia não ser eu, necessariamente, mas outra pessoa qualquer e que naquele momento era o fotógrafo. O tempo passou e a fotografia “é este espelho diabólico que nos acena do passado”. Kossoy completa sua reflexão afirmando que:

Toda fotografia que apreciamos se refere ao passado. Mesmo as que tiramos, ou as que tiraram de nós, no último fim de semana. Quando falo em passado, quero dizer que o movimento vivido é irreversível e que as situações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressões. Essas impressões, com o passar do tempo, se tornam etéreas, nubladas, longíquas. Se tornam fugidias com o enfraquecimento de nossa memória; desaparecem, por fim, com o nosso desaparecimento físico. (p. 42)

As cenas mostradas nas fotografias são únicas, no entanto, as impressões ficam guardadas para além das imagens; elas residem em nós, nos pertencem.

“São emoções que não apenas sentimos, mas que também imaginamos, sonhamos e, portanto, vemos.” (p. 43)

Apesar de reencontrarmos, na fotografia, uma das vezes em que vivemos determinadas emoções, isso não quer dizer que as situações flagradas não tenham se repetido em outros momentos e longe da câmera. No conjunto de imagens reencontradas durante a pesquisa, percebo que ele me permite “descongelar” momentaneamente esses conteúdos, pois “acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista tem sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o *start* da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções”. (Kossoy, 2007, pág. 43)

As atitudes flagradas pelo fotógrafo me remetem a todo um vocabulário não verbal que compõe minha cultura lúdica. São gestos que circulam na minha família e que muitas vezes assumo, quando estou com as crianças para mostrar que estou brincando. E como esse vocabulário é reconhecido por crianças que não são da família, posso supor que fazem parte de uma cultura mais ampla.

O riso e o contentamento, expressos ao esconder-me entre as portas de uma das bibliotecas de meu avô Laclette, também foram capturados pelo fotógrafo e levaram-me a outras rememorações.

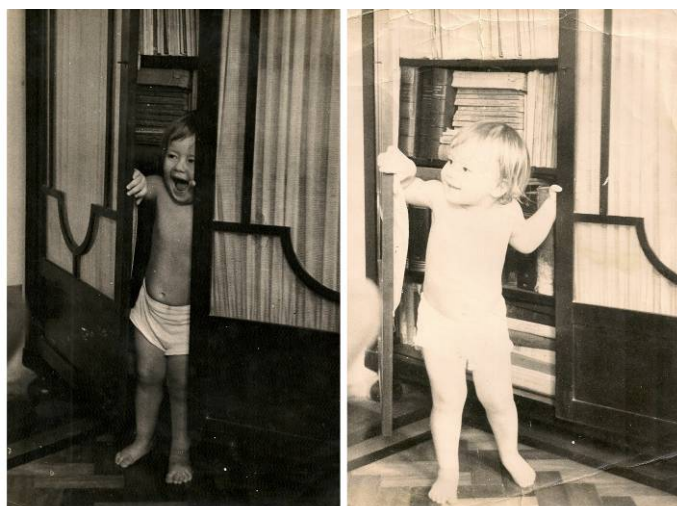


Figura 38: Esconde-esconde na biblioteca

Ao olhar para elas posso sentir o cheiro das enciclopédias de medicina que folheava sentada no colo de vovô que era médico e gostava de me mostrar figuras

e curiosidades. Depois do almoço, sentava numa poltrona e dormia. Tínhamos que fazer silêncio para não acordá-lo. Quando se encontrava comigo cumprimentava-me apertando o dedo indicador na minha barriga e dizendo: 1, 2, 3 na barriga do freguês! Outra brincadeira “nossa” era fazer “papillon”. Aproximávamos as pestanas e piscávamos os olhos, provocando um tremilique que dava a sensação de ter pousado uma borboleta farfalhando suas asas. Quando contrariado por uma das netas dizia: “deixa estar jacaré, que a lagoa vai secar...”



Figura 39: Vovô Laclette e os livros

Determinadas cenas e experiências ficaram tão enraizadas em mim, que, anos mais tarde, eu mesma, intencionalmente, fotografei minha sobrinha numa situação semelhante e que poderá evocar nela outras memórias tendo como pano de fundo a cozinha da casa da avó.



Figura 40: Esconde-esconde na cozinha

E, ao fitar novamente o mosaico que foi se formando, senti-me provocada a fazer uma pequena viagem por outros fatos e fotos relacionados à minha infância. Alguns eram muito parecidos com as aventuras vividas por meus próximos e narradas anteriormente. Outros estavam marcados por condições novas impostas às crianças “do meu tempo e lugar” e que talvez se aproximassem mais da infância de minha sobrinha e das outras crianças que frequentavam a brinquedoteca, embora guardassem também grandes diferenças.

Não me preocupei neste trabalho, em apresentá-los dentro de uma ordem cronológica, mas numa ordem afetiva, pois existe uma fissura entre a temporalidade do álbum de família e a do ordenamento social. Nessas fotografias, as cenas escolhidas para serem eternizadas fazem parte de uma experiência concreta. Bucci (2008) sugere que:

A minha história pessoal – como qualquer história pessoal de qualquer um – é o presente que não se fecha. É vida em aberto. A natureza desse presente expandido como vivência (e não como barreira), ao qual eu sempre retorno, Walter Benjamin explica melhor: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. (pg.82)

Não sou apenas uma espectadora daqueles fatos; eles estão enraizados em mim e são como as cicatrizes que, ao serem tocadas, nos fazem sentir os momentos em que as adquirimos.

Aos poucos fui percebendo que o próprio hábito de fotografar determinados instantes da vida cotidiana parecia ser constituinte de minha cultura lúdica. As cenas registradas pelos fotógrafos fossem eles minha avó, meu tio ou qualquer outro parente, encerravam uma certa valorização daqueles temas e momentos.

Atualmente, a tecnologia subjacente às imagens digitais permite que as indesejadas sejam apagadas sumariamente, sem deixar rastros. Cabe ressaltar que existe mais de uma cópia de várias dessas fotos aqui impressas e que algumas tem grandes dimensões. Mas quando eram analógicas, aquelas que não ficavam boas não costumavam ser reveladas ou eram mesmo eliminadas, rasgadas e o resultado indesejável ficava restrito ao negativo que era difícil de ser visualizado. Isso significa que foram escolhidas para serem reveladas; foram reproduzidas e distribuídas entre várias pessoas.

As fotografias, ao serem compartilhadas comigo ou com crianças da família, traziam alguns códigos inscritos que passaram a fazer parte de uma comunicação específica, uma metacomunicação própria e necessária ao ato de brincar.

Com Bateson e Goffman, consideramos efetivamente o jogo como uma atividade de segundo grau, isto é, uma atividade que supõe atribuir às significações de vida comum um outro sentido, o que remete à idéia de fazer-de-conta, de ruptura com as significações da vida cotidiana. Dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam não ser vistas como tais por outras pessoas. (Brougère, 2002, pg. 24)

Segundo Brougère (1995, 2002), os adultos que cercam as crianças as introduzem progressivamente no espaço e no tempo próprios do brincar. E, nesse sentido, entre os seres humanos, o ato de brincar não é inato.

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe aprendizagem social. Aprende-se a brincar. (Brougère, 1995, pg. 97-98)

Inicialmente, os bebês são como pequenos bonecos nas mãos dos adultos que nomeiam como “brincadeiras”, várias situações em que os pequenos estão envolvidos. No entanto, é somente aos poucos que estes tornam-se de fato parceiros. Ao pararem de chorar diante de certas atitudes ou ao demonstrarem que estão gostando de uma dada situação, os bebês sugerem sua repetição e o adulto, ao repeti-la, passa a estereotipá-la, exagerando determinados gestos ou sons, em busca de um contentamento cada vez maior. Esses gestos e atitudes, acompanhados de determinados sons ou frases, vão indicando que a partir daquele momento, está instaurada a brincadeira. Nas fotos abaixo, estou no colo de meu avô Laclette e meu pai tenta fazer-me parar de chorar. Até hoje ele estala os dedos ou faz sons com a boca para conquistar os bebês.

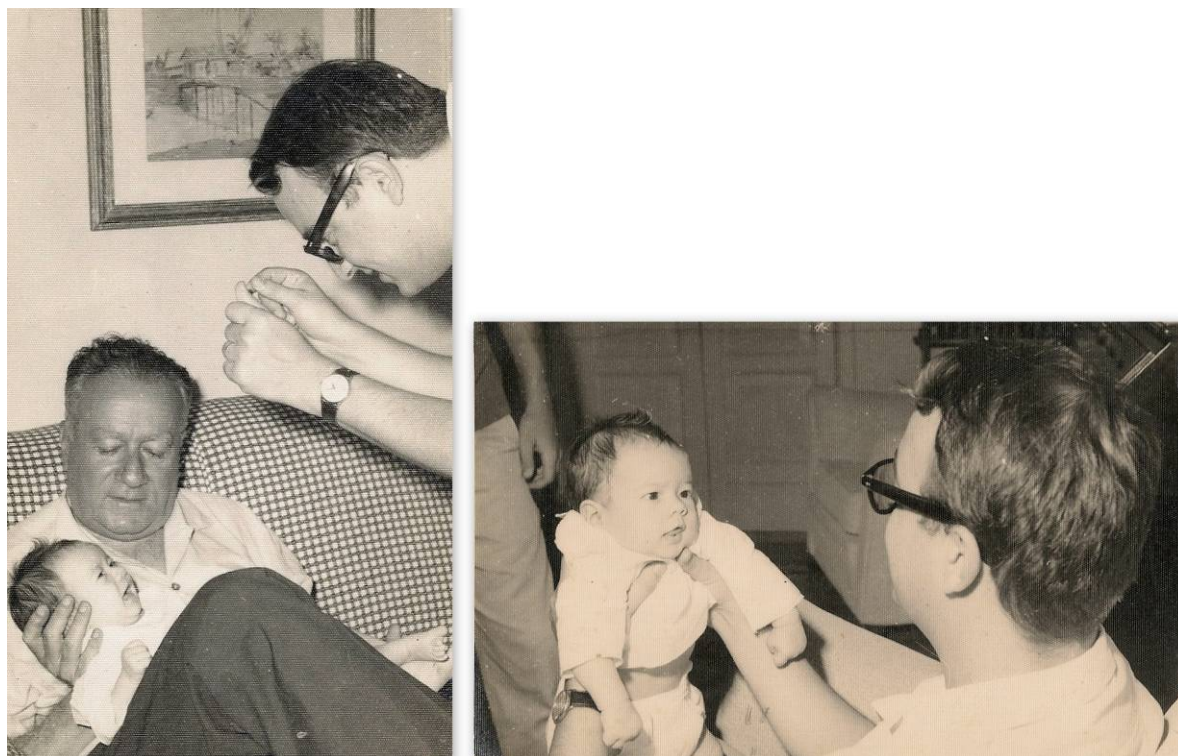


Figura 41: Estalando os dedos; Cessando o choro

Na medida que vão crescendo, as crianças vão apropriando-se desses e de outros códigos que podem incluir frases do tipo “vamos brincar?”, “finge que...”; gestos estereotipados como as piscadelas propositais, caretas, alteração no tom de voz; quadrinhas usadas na escolha dos parceiros, como “uni duni tê, salamê, mingüê...”; atitudes que mostram a encarnação de personagens, etc.

Estes aspectos compõem um determinado vocabulário necessário e indispensável ao ato de brincar que se somam a outros como as estruturas de jogo que não se limitam àqueles com regras.

O conjunto das regras de jogo disponíveis para os participantes, numa determinada sociedade, compõe a cultura lúdica dessa sociedade e as regras que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica. O fato de se tratar de jogos tradicionais ou de jogos recentes não interfere na questão, mas é preciso saber que essa cultura das regras individualiza-se, particulariza-se. Certos grupos adotam regras específicas. A cultura lúdica não é um bloco monolítico, mas um conjunto vivo, diversificado conforme os indivíduos e os grupos, em função dos hábitos lúdicos, das condições climáticas ou espaciais. (Brougère, 2002, pg. 25)

A cultura lúdica, inserida numa cultura mais ampla, vai ampliando-se na relação com outras crianças e outros adultos. As crianças aprendem a

compreender, dominar e depois a criar suas próprias maneiras de brincar. Não dispor dessas referências é não poder brincar.

3.1

Exercícios de ser criança

*A menina avoadada*⁸

Meu irmão pregava no caixote duas rodas de goiabada. A gente ia viajar.

As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote: uma olhava para a outra. Na hora de caminhar as rodas se abriam para o lado de fora.

De forma que o carro se arrastava no chão. Eu ia pousada dentro do caixote com as perninhas encolhidas, imitava estar viajando,

Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira. Mas o carro era diz-que puxado por dois bois. Eu comandava os bois:

- Puxa, Maravilha!

- Avança, Redomão!

Meu irmão falava que eu tomasse cuidado porque ele era coiceiro.

As cigarras derretiam a tarde com seus cantos. Meu irmão desejava alcançar logo a cidade – porque ele tinha uma namorada lá.

A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele. Isso ele contava. O caminho, antes, a gente precisava de atravessar um rio inventado. Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados. Eu não morri porque o rio era inventado. Sempre a gente só chegava no final do quintal. E meu irmão nunca via a namorada dele - que diz-que dava febre em seu corpo.

Manoel de Barros

Assim como minha mãe, quando era bem pequena, costumava ir para a casa de minha bisavó materna, Ruth, em Itaipava, que antes pertencera ao poeta Raul de Leoni. Minhas irmãs e eu tomávamos banho de mangueira no gramado em frente, usando apenas calcinhas e andávamos no carrinho de mão do Seu José,

⁸ Barros, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Ilustrações com bordados de Antonia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas. – Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

o jardineiro, que estava sempre com um chapéu de palha. Até hoje, quando sinto cheiro de grama cortada, lembro daqueles dias.

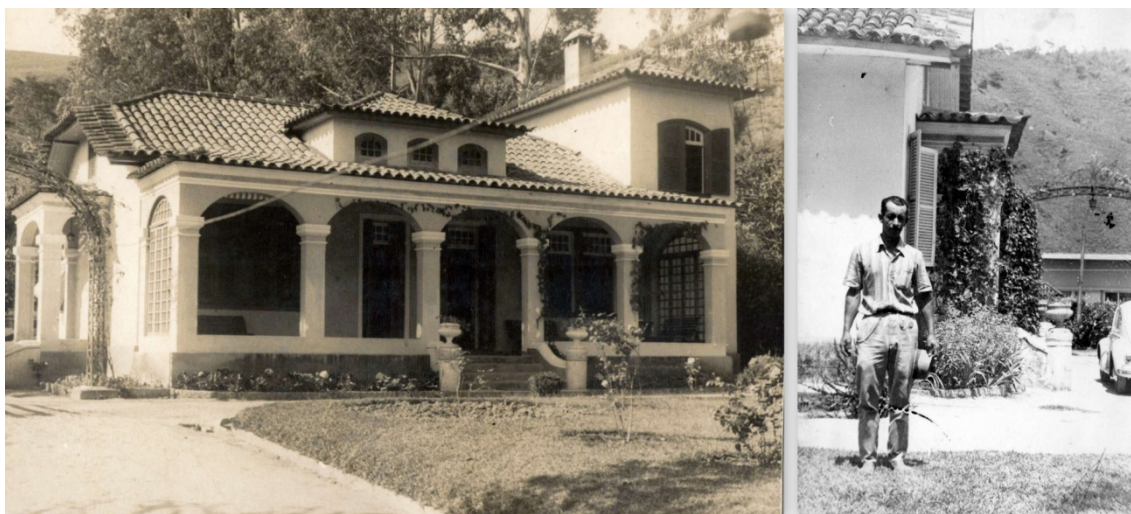


Figura 42: Casa de Itaipava; Seu José, o jardineiro

Por volta de sete anos, pude viver mais situações semelhantes às aquelas narradas por minha avó no texto sobre sua infância e às contadas oralmente por minha mãe, pois passei a ir para a “fazenda”.

Em algumas fotos aparecem junto comigo, além de minha irmã, as crianças que viviam lá e com quem compartilhávamos experiências bem distintas de ser criança. Esse sítio já não era a Fazenda Santa Heloisa, da infância de minha mãe, mas ficava em terras herdadas por minha avó, perto de Rio Bonito, no Estado do Rio. Apesar de ser bem menor e sem a estrutura das outras, era chamada por nós de “fazenda”. Como a estrada era de barro e muito cheia de pedras, tínhamos que ir de jipe ou picape, que pertenciam respectivamente a Tio Homero, mais conhecido como “Major”, primo de minha avó, e a Tio Eduardo, seu irmão. Quando chovia muito, os carros deslizavam e atolavam na lama que se formava. Como meu pai trabalhava, ia para lá apenas aos finais de semana. Esperávamos ansiosas o barulho do motor, que dava pra ouvir a quilômetros de distância, tamanho era o silêncio. Nessas ocasiões, gostávamos de preparar suco e colocar a garrafa no fundo das águas da cachoeira, para ficar geladinho.

Nos almoços, comíamos galinha ao molho pardo, cujo ritual de depenar e cortar o pescoço para retirar o sangue que serviria para o molho, era acompanhado por nós atentamente. Certa vez, uma gata meio angorá que Tio Eduardo nos deu de presente pensando que era um gato, abriu o forno de madrugada e chamou os

filhotes para “filar a bóia”. Ela chamava-se Chuvisco e tinha um olho verde e outro azul. Morreu velhinha no borralho do fogão à lenha do caseiro Benedito, onde gostava de se aconchegar para se esquentar. Essa foi uma verdadeira Gata Borralheira!



Figura 43: A gata Chuvisco; O jipe



Figura 44: Indo para a roça na cangalha

As meninas que vemos na foto acima trabalhavam na roça e nós as acompanhávamos até lá, carregadas na cangalha do burro. Para minha irmã e eu, colher o capim-limão era uma grande farra, para elas, trabalho. Mas, apesar dessa diferença que indica uma origem social distinta, nossa presença tornava a tarefa mais leve. Como na história da cigarra e da formiga, na versão de João de Barros (Braguinha), o canto-chão das formigas (“um, dois, três, saco de farinha; quatro,

cinco, seis, saco de feijão, trabalhando, Dona Formiguinha vai enchendo aos poucos o seu porão”) era completado pela canção da cigarra (que cantava “a alegria da vida”). Eram filhas do pastor da Assembléia de Deus. Uma delas tocava pandeiro no altar e me deixava deslumbrada, pois a cena me remetia a Rita Lee tocando com os Mutantes. Diferente de nós que andávamos de calça comprida, elas só podiam usar vestidos. Minha irmã tinha o cabelo bem curtinho e elas, cabelos longos que não podiam ser cortados. Algumas brincadeiras comuns para nós eram proibidas para elas, como jogar bola, por exemplo. Adorava comer feijão com farinha de mandioca, feito por Dona Maria, mãe das minhas amigas. Nessa região, não havia luz elétrica e voltávamos para casa iluminando o caminho com uma lamparina de querosene. Era comum ouvirmos histórias de assombração contadas como se de fato tivessem acontecido. Antes de dormir, sentávamos sob um lampião a gás que ficava na sala para tirar os carrapatos que íamos colecionando ao longo do dia. Minha irmã caçula era recordista! O banho era frio e no inverno, esquentávamos um pouco d’água no fogão, enchíamos uma bacia de alumínio e nos molhávamos usando uma cuia.

Durante o dia, junto com nossas amigas, fazíamos panelinhas de barro ou lata, recipientes que nos serviam para cozinhar “de verdade” alimentos que os adultos nos forneciam. O feijão tinha sempre gosto de fumaça! Também fazíamos comida de mentirinha com sementes, folhas e gravetos que catávamos pelo chão. As ervas daninhas eram perfeitas para simular uma macarronada.

No morro em frente, escorregávamos como se estivéssemos no tobogã, espécie de escorrega grande, com ondulações, em que a descida era feita em cima de um tapete, que existia no Tivoli Park, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Este último era considerado perigoso por meu pai. O nosso, inventado, era o “Tombogã”. Nossas incursões terminaram quando descobrimos um ninho e levamos um ovinho para mostrar. Para nossa surpresa, não era de pássaro como suspeitávamos, mas de cobra!

Andava a cavalo e brincava entre galinhas e cachorros magros. À noite, meu pai caçava sapos para que pudéssemos observá-los pulando em direção à luz da lanterna. Nas noites sem lua, sentávamos numa pedra que ficava na frente da casa e contávamos estrelas cadentes, sem apontar para não ficar com verrugas nos dedos e tomávamos banho de chuva. Em meio a outras pedras gigantescas, quando estava sozinha, fingia estar num episódio de “Perdidos no Espaço” ou

enfrentar “Seres Abissais”, inimigos do “National Kid”. Na pequena cachoeira, ensaiava aquela saída da água da Esther Willians.



Figura 45: Passeio a cavalo; Banho de chuva; "Seres Abissais" e "Esther Willians"

3.2

Brinquedos e jogos

Além dessas experiências lúdicas, tive acesso a brinquedos industrializados e jogos de vários tipos. Não aqueles muito caros, de pilha, que começavam a ser lançados no mercado, quando era pequena. Só brincava com bonecas desse tipo, quando me reunia com duas amigas de uma casa vizinha à de minha avó na vila. Morávamos em apartamento, mas íamos muito para lá. Minha mãe não aprovava as bonecas-manequim que eram uma novidade, como a Barbie e a Suzi. Luiza e Denise, elas sim tinham Barbies, Guigui, Amiguinha, Beijoca, Tippy, etc.

Um dos meus primeiros brinquedos foi um urso de pelúcia, o “Bär” que acompanhou meu crescimento. Houve um tempo em que andava de mãos dadas com ele pela rua. Ele calçava minhas botas ortopédicas. Outro ursinho em miniatura e um leão, que ainda guardo, foram presentes de Lucio Costa assim como um coelho de plástico lilás e amarelo do qual não me lembrava. Mas meus pais dizem que acharam engraçado, pois não combinava em nada com a

sobriedade do urbanista. Nessa época, meu pai já trabalhava com ele. Era comum frequentarmos a sua casa que ficava num prédio no Leblon, o primeiro a ser construído com pilotis. Ele ainda não tinha netos e gostava de brincar comigo.

Minhas bonecas eram bebês com cabeça de vinil e corpo de pano. Algumas eram carequinhas, outras tinham um cabelo que chegava liso e uma semana depois já estava todo enroladinho e não dava mais para pentear. Minha prima, Marianna, tinha a mania de comer os dedos das bonecas, mesmo as que não eram dela. Como minhas irmãs e eu tínhamos bonecas iguais, lembro de ter trocado a minha que estava com os dedos carcomidos por uma outra inteirinha. O enxoval era feito por minhas avós. A Paulinha tinha um dom fantástico para isso, pois conseguia reproduzir em miniatura aqueles vestidinhos com casa de abelhas e babadinhos que eram usados por nós nas festas. Aliás, pensei que não tivesse imagens das bonecas-bebês, mas encontrei uma foto tirada em Ipiabas, onde ficavam as fazendas Santa Heloisa e Floresta. A primeira deixou de pertencer à família e a segunda está nas mãos até hoje de uma prima da vovó. Certa vez, nos juntamos com Tio Henrique (primo irmão de minha mãe) e Tia Ely (sua mulher) e a fomos conhecer. Gostava de chamá-los de “Família Repinica”.

As moças mais velhas que aparecem na foto viviam naquela região e trabalharam como empregadas domésticas quando morávamos na rua Paulino Fernandes, em Botafogo. Odinéia, Ivanilza e Lurdes conviveram conosco em períodos distintos. Regina, que trabalha até hoje na casa de meus pais, acompanhou nossa mudança para o Horto e teve uma filha que cresceu entre nós. A faxineira Júlia tinha outra origem que não sei precisar. Ela era negra, grandona e lembro da euforia que ficava no período do Carnaval. Acho que sua escola de samba era o Império Serrano e no dia em que os desfiles eram julgados, torcia, chorava ou se alegrava com o resultado, fazendo um grande estardalhaço. Também tinha uma filha, Fátima, que mesmo com seus 7 anos, chupava o dedo, algo considerado muito estranho por nós.

Tive ainda uma amiga imaginária, mas não tenho nenhum registro visual dela, por motivos óbvios.



Figura 46: “Bär”, o urso;



Boneca Amiguinha



Figura 47: Viagem a Ipiabas;



Boneca-bebê

Aprendi geografia jogando “War” e regras do sistema capitalista com o Banco Imobiliário. Desses jogos industrializados, os preferidos eram: País dos Doces - tirávamos as cartas com imagens de brigadeiros, balas e pirulitos e íamos nos deslocando pelo tabuleiro; Detetive e Leilão de Arte. Jogava também Cinco Marias que eram confeccionadas por nós com a ajuda de um adulto. Fazíamos os saquinhos de pano e enchíamos de arroz. Eu era fera no bambolê! Este tinha uma bilha que chacoalhava enquanto requebrava a cintura. Pude ainda conviver com

muitas outras crianças de idades e gênero variados. Lembro-me de brincar de: Mamãe, posso ir?; Batatinha frita¹, 2, 3; Lenço atrás; Pique-bandeira; Pique-cola; Mãe da rua, entre muitas outras. Andávamos de bicicleta, dando voltas pela vila e brincando de encher o tanque com uma mangueira de regar plantas e limpar o chão.

As experiências que se afastavam daquelas vividas por meus “próximos” foram emergindo aos poucos. Fiz parte de uma geração que começou a ir para escola mais cedo, com cerca de 4 anos, teve acesso a brinquedos industrializados, assistiu e passou a fazer parte de mudanças geradas pela chegada da televisão.



Figura 48: Bicicleta na vila

Em minhas brincadeiras, principalmente a partir do momento em que passei a brincar sozinha ou com outras crianças e não apenas com adultos, combinava situações vividas no cotidiano com elementos apropriados em outros meios.

(...) a cultura lúdica compreende conteúdos mais precisos que vêm revestir essas estruturas gerais, sob a forma de um personagem (Superman ou qualquer outro) e produzem jogos particulares em função dos interesses das crianças, das modas, da atualidade. A cultura lúdica se apodera de elementos da cultura do meio-ambiente da criança para aclimatá-la ao jogo. (Brougère, 2002, pg. 25)

Em meio às pedras da “fazenda”, eram os personagens da série televisiva do National Kid ou dos Perdidos no Espaço que preenchiam minha imaginação.

Willian Corsaro influenciado por Piaget e Vigotski, como afirma numa entrevista concedida a Fernanda Müller (2007)⁹, passou a estudar o desenvolvimento social e cultural das crianças e aponta que contribuições teóricas vindas dos campos da sociologia, antropologia e psicologia permitem perceber que “as crianças começam a vida como seres sociais inseridos numa rede social já definida e, através do desenvolvimento da comunicação e linguagem em interação com outros, constroem mundos sociais.” (p.114)

Com as bonecas-bebê que ganhava de minha mãe, brincava de mãe e filha, tentando compreender os aspectos que marcavam essa relação. Vestia, cuidava, colocava no moisés (cestinha para carregar bebês). E, lembro que a partir de uma certa idade, o cuidado com a boneca era diário e não se restringia a um momento específico. Era como se tivesse uma filha “de verdade”. Vigotski (1998) chama a atenção de que as situações imaginárias, criadas no ato de brincar, contém regras, que embora não estejam definidas a priori, baseiam-se em regras do comportamento social. A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, ao brincar, obedece as regras do comportamento maternal que conhece. O que passaria despercebido na vida real é levado de forma enfática para a brincadeira e a criança passa a entender melhor as regras subjacentes as mais diversas relações.

Goulart (2007)¹⁰ descreve uma situação de pesquisa vivida por Corsaro, em que três crianças, uma menina (quatro anos), seu irmão e um terceiro garoto (ambos com cerca de dois anos e meio) brincam com os papéis de professor e alunos. A menina já havia freqüentado a escola e os outros dois não. A atitude autoritária do menino levou o pesquisador americano a levantar várias hipóteses de interpretação. O menino poderia ter aprendido com a irmã, mas por meio de informações obtidas de seu pai, ficou sabendo que tais gestos representados não faziam parte do modelo de escola freqüentado pela menina. Ele levantou a ideia de que pudesse ter vindo da televisão ou de comentários de adultos sobre a indisciplina de algumas crianças. No entanto, acabou por afirmar que a fonte de informação de Krister importava menos do que seu desejo de expressar o poder

⁹ Disponível em [<http://www.cedes.unicamp.br>]

¹⁰ Texto-base da palestra proferida na mesa redonda do dia 12 de julho de 2007 do V Seminário Linguagens em Educação Infantil, COLE – Congresso de Leitura, cujo tema foi No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las, Campinas, UNICAMP, 2007. Disponível em: [http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog13_02a.pdf.]

que se tem em um papel adulto e hierarquicamente superior, isto é, um papel com maior poder ou autoridade, uma situação em que as crianças raramente se encontram. (Corsaro apud Goulart, 2007)

Passei a brincar com as bonecas-manequim e outras mais caras, quando estava em companhia de outras meninas da mesma idade, o que me permitiu desenvolver o que Corsaro chama de cultura de pares. Esta se dá inicialmente através da interação com colegas, no contexto pré-escolar e produz a primeira de uma série de culturas de pares nas quais o conhecimento infantil e as práticas são transformados gradualmente em conhecimento e competências necessárias para participar no mundo adulto.

A partir dessas novas relações, houve por exemplo, um certo corte entre o que minha mãe desejava e o que eu de fato queria. Adorava minhas bonecas, mas ao brincar com aquelas “proibidas”, sentia um prazer todo especial.

Curioso foi descobrir, em minhas pesquisas sobre brinquedos, que a Barbie, quando foi lançada, trouxe consigo uma novidade inesperada que explica, de certa forma, a rejeição de minha mãe. Brougère (2004) mostra como essa boneca tornou-se um símbolo de um novo sistema do brinquedo. A Barbie, lançada em 1959, re-introduz a boneca adulta no universo infantil, que vinha sendo dominado pelas bonecas representando crianças pequenas, e associa 3 dimensões que definem o brinquedo: imagem, brincadeira e destinatário.

A dona da Mattel, Ruth Randler, há muito que buscava fabricar um brinquedo que fosse equivalente às bonecas de papel que tanto agradavam a filha Bárbara e suas amigas. Numa viagem à Alemanha, descobriu Lili, boneca-personagem oriunda de um jornal informativo. Mas Lili foi concebida para os adultos e oferecida como objeto para pessoas importantes (VIPS).

Numa viagem que fiz à Escócia, em 1996, quando terminei o Mestrado em Educação, tirei uma foto da Lili, no Museu do Brinquedo de Edimburgo.



Figura 49: Boneca Lili

Ruth comprou vários exemplares e pediu que os engenheiros desenvolvessem um objeto que devia inscrever-se na mesma lógica das bonecas de papel. As primeiras Barbies eram quase idênticas a Lili. Mas, a aquisição pela Mattel a fez desaparecer em 1964, abrindo espaço para que Barbie reinasse absoluta. Na estratégia de lançamento, a propaganda na televisão foi direcionada às crianças e Brougère sublinha que:

A boneca não foi apresentada às mães e sim às crianças. Ela fez parte da primeira geração de ruptura na lógica do sistema de brinquedos. A boneca não supunha mais a intermediação de um pai. Mattel se dirigiu diretamente às crianças e a Barbie foi um forte símbolo dessa ruptura, ainda mais porque as mães não ficaram entusiasmadas com o produto. Nem elas nem os comerciantes. Foram as crianças que, ao esvaziarem as prateleiras dos comerciantes ainda céticos, fizeram, no verão de 1959, o sucesso da Barbie, causando enorme surpresa. (idem, p.99)

O fato da Barbie ser vendida não mais como um objeto qualquer, mas como uma personalidade, que já vinha com uma história, a transformou em ídolo e ícone e gerou várias controvérsias. Pois, se a análise se detiver apenas na imagem, corre-se o risco de não se perceber a complexidade desse brinquedo particular. A longevidade da boneca permitiu a realização de várias pesquisas impossíveis de serem feitas baseadas em brinquedos rapidamente lançados e retirados do mercado. Brougère notou que, se para algumas crianças, a vida da

Barbie está ligada a atividades de prestígio, para a maioria, ela assume um cotidiano comum nas brincadeiras.

O que caracteriza a relação da criança com a Barbie, sobretudo as meninas, mas também, numa proporção menor, os meninos, é a adaptação que permite projetá-la no mundo do cotidiano por suas ocupações, suas atividades e, sobretudo sua vida familiar. Portanto, com a Barbie, pode assumir a imagem do mundo adulto mais corriqueiro; para isso ela é frequentemente dotada de um marido e de um filho. A vontade de reconstituir a tríade familiar tem tanta força que se adapta ao irrealismo da representação no que concerne às idades dos personagens. (Idem, p. 112)

Ao longo de sua história, a Barbie foi sendo apresentada às crianças acompanhada dos mais diversos acessórios, o que deu mais versatilidade e combinações possíveis.

Nasci em 1963 e entre as mulheres da minha idade, a Susi é muitas vezes reconhecida como antecessora da Barbie, o que historicamente não é verdade. Apesar de ter sido criada e lançada antes, a chegada da Barbie ao Brasil não foi tão imediata. Era importada e cara e, portanto, apenas crianças de famílias mais abastadas ou que conseguiam convencer suas mães de comprá-la tinham acesso a ela. A Estrela, fabricante de brinquedos, percebendo o interesse das crianças pela boneca-manequim, já nos anos 60, lançou a Susi que deixou de ser fabricada em 1985.

Na “minha época”, apesar de não possuir nenhuma das duas, quando possível, escolhia a Susi, pois não vinha com roupas tão luxuosas. Gostava de vesti-la com calças compridas, o que dava um ar moderno e mais compatível com as tarefas cotidianas que gostava de inventar como fazer compras, ir ao cinema etc. As roupas da Barbie eram de festa!

Nas diversas apropriações que fazia de bonecas, fossem minhas ou de minhas amigas, combinava aspectos do cotidiano com referências que vinham com as bonecas ou que estavam relacionadas aos filmes que via ou livros que lia. Assim, as brincadeiras não se restringiam a imitações de universos determinados, mas a uma apropriação criativa das informações que recebia.

Corsaro (apud Müller (2007) percebeu que a cultura de pares tem certa autonomia, embora seja também afetada pelo mundo adulto. Nesse, sentido, as crianças procuram compreender o modo como se dão as relações sociais, reproduzindo-as, mas produzindo, ao mesmo tempo, novos sentidos para elas.

Esse movimento é chamado por ele de reprodução interpretativa. Esse conceito vem substituir a idéia de socialização e enfatizar a participação ativa das crianças nas rotinas culturais a que estão expostas apropriando-se e reinterpretando seus elementos.

No meu caso, ao rememorar várias situações vividas na infância, é possível perceber que minha cultura lúdica é atravessada pela manipulação de brinquedos e materiais diversos, por uma crescente cultura de massas produzida pela televisão, pelo que descobria andando pela cidade, pela cultura infantil produzida junto com outras crianças com as quais convivia, pela literatura, pela dança, pela escola, etc.

3.3

Pelas telas: a televisão e o cinema

Antes de meu pai se render à inevitabilidade da televisão (era contra), esta já havia sido incorporada às casas de minhas avós. Assistia desde Capitão Furacão; Capitão Asa; Topo Gigio (chove chuva, chove sem parar...); National Kid; Jeanie, é um Gênio; a Feiticeira; Daktari; Bat Masterson; Terra de Gigantes, até Teatrinho Trol; Família Trapo e Shazam e Xerife; com sua cambicleta. Na Sessão da Tarde, assistia a musicais e filmes mudos que acompanhava comendo mandiopã. Achava o Fred Astaire muito parecido com o vovô Porto, ainda mais porque ouvia dizer que ele era um verdadeiro “pé de valsa”. Na foto abaixo, é realmente possível constatar a semelhança.



Figura 50: “Fred Astaire”

Minha tia Yara deixava-me ver “Havaí cinco, zero”; “Kojak”, etc. Em 1969, fui acordada para ver o homem pisando na Lua. Na época da novela “Minha doce namorada”, já tínhamos tv em casa, pois meu pai ganhou uma Philco portátil de presente. Para que não ficássemos vidradas e passivas diante do aparelho, ele vivia fazendo perguntas do gênero: “Como todo mundo foi parar lá dentro? Como esse sujeito está nesse canal e no outro também?” As propagandas que circulavam naquela época e que atraíam o meu interesse eram as do arroz Brejeiro, em que havia uma disputa entre um grão deste produto e um grão de má qualidade, o Marinheiro. Tinha ainda o comercial das Casas da Banha, onde porquinhos dançavam e cantavam: “Vou dançar um cha-cha-chá, Casas da Banha...” Esses *jingles* eram engraçados e ficavam na cabeça como o das Casas Pernambucanas: “Não adianta bater, que eu não deixo você entrar...” Para trocar de canal, usava-se um seletor e, como não tínhamos antena externa, era comum que a imagem comesse a rodar ou ficar cheia de “fantasmas”. Não sei a explicação técnica, mas colocávamos palha de aço na ponta da antena para tentar corrigir o defeito. Fui testemunha ainda da passagem da tv em preto e branco para a colorida.

Recente pesquisa sobre a história da televisão no Brasil analisa, de que modo, distintos lugares foram reservados para a criança no interior de sua programação (Pereira, 2003). Inicialmente, os programas eram ao vivo e à noite, dirigindo-se basicamente aos adultos. A programação infantil surgiu baseada na dinâmica circense como o programa do palhaço Carequinha, em clássicos universais como o Teatrinho Troll e em concursos de conhecimentos gerais. Mas, ainda na década de 50, os pais já começavam a demonstrar preocupação, pois as crianças já não queriam respeitar as regras e horários impostos. A própria TV Tupi-Difusora, em 1951, tentou minimizar esse problema levantado pelos pais, criando estratégias para que as crianças fossem dormir numa hora determinada. São exemplos o Indiozinho Tupi, versão infantil do logotipo da emissora, e um *jingle* que dizia “já é hora de dormir, não espere mamãe mandar. Um bom sono pra você e um alegre despertar.”

Já nos anos 60-70, crianças como eu não se interessavam apenas pelos programas infantis e buscavam meios de subverter as regras impostas, fosse seduzindo minha tia, ou vendo a novela das 22 horas, “Selva de Pedra”, escondida no quarto da Regina.

A participação das crianças nos programas também foi mudando e estas deixaram de ser apenas espectadoras para tornarem-se protagonistas, atuando como assistentes e fazendo parte de brincadeiras dirigidas. Certa vez fui com um grupo de crianças, num passeio organizado pela escola, no programa do Capitão Furacão. O que mais me marcou na ocasião, no entanto, não foi o programa em si, pois deste não me lembro de nada, mas sim, o fato de que, ao sairmos do carro, um de meus amigos levou um tombo e caiu numa poça de lama.

Salgado (2005), a partir da pesquisa realizada com crianças no doutorado, revela que a simples apresentação das imagens da televisão ou o fato de que estas agradam as crianças não garante que tais imagens sejam produtoras de brincadeiras ou façam parte imediatamente de uma cultura lúdica. Para que isso ocorra, é preciso que os textos midiáticos se integrem aos referenciais simbólicos e à lógica que regem uma cultura lúdica específica. Brincar com essas imagens jamais significa, para a criança, copiar fielmente o que vê, mas sim compor, combinar com um conjunto de representações que já constituem seu universo simbólico. (p. 138) O que importa, portanto, é olhar para as brincadeiras desenvolvidas pelas crianças como o modo pelo qual elas experimentam a cultura de seu tempo.

O risco constante que se corre no processo de pesquisar como isso acontece é o de isolar crianças e adultos e não conseguir identificar a maneira complexa como esses mundos se inter-relacionam. Como ressalta Borba (2009):

a identificação desse modo de vida com uma cultura infantil própria requer que nos questionemos sobre os modos de construção dessa cultura, nas relações que estabelece com as estruturas sociais, nas quais as crianças estão inseridas e nas suas articulações com as culturas adultas. (p.4)

Tais cuidados também são sublinhados por Kramer & Barbosa e Silva (2005), ao apontarem que o grande desafio hoje é:

superar o mito do protagonismo infantil e analisar criticamente as mudanças nos papéis e nas formas de interação entre crianças e adultos, compreendendo a infância como categoria e as crianças como sujeitos empíricos em interação constante com crianças, jovens e adultos. (p.48)

Compreender como as crianças formam suas identidades como crianças e como membros de um grupo social é mais complexo do que parece. É certo que

elas encontram-se em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com o mundo, mas não o fazem de forma passiva, apenas incorporando o que a cultura adulta lhes impõe. São ao contrário, sujeitos ativos que criam formas próprias de compreensão e de ação sobre a realidade.

Apesar de gostar e ver bastante televisão, fui provocada, por meu pai, a não ficar passiva e a refletir sobre o que aquele objeto mágico significava. Além disso, o acesso as mais diversas formas de brincar favoreceram uma experiência lúdica variada o que me permitiu fazer várias combinações, pois “quanto mais [a criança] veja, ouça, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais [ela] disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será (...) a atividade de sua imaginação”. (Vygotsky, 2007, p.18).

Tanto é que, a convivência com a televisão, pelo menos nos moldes em que ela se apresentava quando era criança, não me impediu de continuar brincando de faz de conta, de participar de brincadeiras tradicionais nem de ficar encantada por outras produções culturais como o cinema e a literatura.

Ir ao cinema não era tão comum, pois não havia uma programação tão intensa. Além dos clássicos desenhos animados da Disney, os filmes que mais me marcaram foram Lili (Hi Lili, hi Lili Hello!), Pele de Asno, a trilogia da Sissi, a Imperatriz e as Aventuras do Tio Maneco.



À noite, mamãe lia As Memórias da Emília ou Reinações de Narizinho para nós, em voz alta. Nossos livros tinham uma capa de pano xadrez, pois foram encadernados por minha avó. Não havia tantos livros infantis quanto os que são publicados hoje. No apartamento da bisavó Ruth (na foto abaixo com minha irmã caçula), no Rio, assim que chegava, corria para pegar o livro do Juca e Chico (Max und Moritz), com tradução de Olavo Bilac e que ficava na gaveta da cômoda.



Figura 51: Bisavó Ruth com Regininha,
minha irmã

Este móvel, a cristaleira, as cadeirinhas e a pintura de Dindinha Nicota, que aparecem nas fotos abaixo, foram para nossa casa, quando a bisa morreu.



Figura 52: Casa da Bisa Ruth;

Quadro na parede

Vovó Fridy também tinha um exemplar do Juca e Chico. E, além do fim trágico dos irmãos que viviam cometendo traquinagens, ouvindo as histórias contidas no livro do João Felpudo (Der Struwwelpeter), aprendia que não deveria chupar o dedo, deixar de pentear o cabelo ou cortar as unhas. Herdamos também alguns livros de minha mãe, como “Le Ballon Rouge”, ilustrado com as fotos do

filme; uma história de Natal, cujos personagens centrais eram Marina e seu cachorrinho Totó e O Negrinho do Pastoreio. Dos que ganhávamos de presente, guardo ainda comigo “Le Manège enchanté: le cadeau de père Pivoine”. A edição é de 1965 e, surpreendentemente, para aquela época, tínhamos uma boneca que representava uma das personagens, a Margot que nos acompanhava para todo o lado. Ela tinha uma cabeça grande, de plástico duro e um corpo de pano “compriiiiido”. Uma amiga de minha mãe, Olguinha, madrinha de minha irmã caçula, era geógrafa e costumava viajar bastante. Sempre nos trazia uma lembrança e também fazia suas próprias coleções. Quando ia a sua casa, ficava encantada de encontrar o Pollux, o cachorro que aparece no fim daquele livro.

Lembro ainda que vovô Laclette me deu de aniversário “Os colegas” da Ligia Bojunga. Adorava ler e reler as peças de Maria Clara Machado, publicadas em livro e também gostava muito do Flicts, do Ziraldo. O acervo que tinha em casa era ainda constituído de algumas coleções de Contos de Fada, com desenhos antigos; uma de bichinhos, dos quais só me recordo de um deles, que tinha uma joaninha (ou seria formiga?). Só depois é que passei a devorar os títulos das Edições de Ouro, que saíam em formato de bolso: Pimpinela Escarlata; Jane Eyre; Os desastres de Sofia; Orgulho e Preconceito; Oliver Twist; Sem Destino; Bibi, Meia Longa; Memórias de um Cabo de Vassoura; Ana Terra... Não posso deixar de falar da Revista Recreio que trazia histórias dos novos autores brasileiros como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, entre outros, e que proporcionava inúmeros passatempos. Tínhamos que recortar e fazer cola de farinha de trigo para concluir certas construções. Revistas com bonecas de papel também eram vendidas nas bancas de jornal e exigiam esse mesmo ritual. Os gibis eram Bolinha, Bolota e Brotoeja e meu primo Guilherme tinha coleções completas. Das enciclopédias, tínhamos as recém-lançadas Conhecer e Os Bichos; Barsa e Larrousse eram consultadas na casa da vovó. Embora desatualizada, meu pai mantinha na estante o Tesouro da Juventude. A coleção de capa azul ficava no meu quarto e servia de decoração. De vez em quando, dávamos uma olhadinha.

3.4

Andanças pela cidade

*Ciganos*¹¹

E as ciganas de coloridas saias, andando pelas praças, pintavam de luz a cidade. Na cabeça, lenços com barulhos de moedas prendiam parte dos cabelos. E de rua em rua, de porta em porta, elas se ofereciam para ler o destino que lhe diziam oculto na palma de todas as mãos. Contavam ainda que a mão era uma cartilha que elas aprenderam a decifrar com os egípcios, há muitos e muitos séculos. (...)

(...) Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos: isto por contarem que cigano roubava crianças. E, como ninguém sabia de onde vinham ou para onde iam, as crianças ficariam perdidas para sempre. Seriam levadas para a Índia, passando por terras de Espanha ou areias de Portugal.

E a Índia, a Espanha, o Portugal não cabiam de tão longe em cabeça de menino.(...)

Bartolomeu Campos Queirós

Algumas lembranças me remeteram a uma relação particular com a cidade que foi sendo construída, primeiro, através das mãos de meus familiares e, depois, por conta própria, a partir do momento em que passei a andar sozinha ou na companhia de amigos. Os trajetos e as experiências vividas revelam uma certa aprendizagem. Como aponta Rabello de Castro (2004):

Nascemos em casa com a família. Atravessamos os umbrais de casa para ganhar o mundo e a cidade. A rua é o meio. Através da rua entra-se em contato com o que é desconhecido e não-familiar. A rua começa logo ali... na porta da casa. (p. 40)

Dessa circulação, guardei na memória uma série de encontros e de possibilidades de brincar que tornaram-se quase impossíveis atualmente. As idas

¹¹ Queirós, Bartolomeu Campos. **Ciganos**. Belo Horizonte: Editora Miguilim, 1997.

às lanchonetes que começavam a surgir constituíam-se um programa especial e estavam incluídas nos passeios de final de semana. E, segundo a autora:

Circular pela cidade é o ponto de partida para o seu conhecimento e ocupação. Entretanto, os modos de circulação na cidade, os lugares escolhidos aonde se quer chegar, com quem e quando, são produções desde já determinadas por outras condições dos sujeitos, como idade, pertencimento real e imaginário a grupos econômicos e sociais, estilo de vida e experiência cultural. Desta forma, a circulação na cidade não se faz de forma aleatória, está antecipada por essas condições, ainda que não totalmente condicionada a elas. (p. 71)

As primeiras aventuras nesse sentido aconteciam uma vez ou outra, quando vovô Laclette nos dava dinheiro para comprar picolé de limão na padaria que ficava perto. Era só sair da vila, dobrar a esquina, transcorrer os muros de pedra de duas casas e lá estávamos. Além do prazer que essa experiência nos proporcionava, o picolé tinha palitinhos coloridos e nós fazíamos coleção. Reunidos formavam um jogo de construção. Em outras ocasiões, sem sair da vila, esperávamos um vendedor que passava vendendo biscoitos que desmanchavam na boca e pirulitos de açúcar cristalizado em forma de chupeta. Ele se fazia anunciar por um chocalho que fazia “xingue lingue”. Aos domingos, na companhia de meus pais, comíamos pizza da Bragança, pão da Imperial ou íamos um pouco mais longe, ao Leblon, comer crepe no Rick’s. Durante a semana, para chegar à vila, vínhamos andando a pé pela Rua General Polidoro. Minha mãe colocava uma espécie de coleira em mim, o que me mantinha sob controle, mas com certa autonomia; minha irmã do meio, de mãos dadas e a caçula, no carrinho. O cemitério era parte da paisagem e o cheiro que emerge dessa reminiscência é o das rosas vendidas na floricultura que ficava na esquina da rua Sorocaba.

Os interesses, os valores, as crenças delineiam, então, os trajetos dos sujeitos na cidade, recortando para cada um uma cidade possível, dentre muitas. Por outro lado, a cidade, na sua multiplicidade e diversidade de recursos, está sempre aludindo a outras vidas, outros prazeres, outras experiências que aquelas conscientemente aquiescidas pelo sujeito, permitindo linhas de fuga e transgressões aos trajetos e escolhas possíveis, inaugurando possibilidades antes tidas como impossíveis. Assim, a circulação estabelece-se como um ponto de articulação entre o presente e o futuro, entre o que se faz e o que se poderia fazer, visões de tempo e espaço que se superpõem e acabam se misturando, enredando presente e futuro num mesmo momento. (Gagnebin, 2004, p. 71-72)

Às vezes, no caminho, visitávamos algum amigo ou parente. Parávamos na casa da Dona Vera (Assis Ribeiro), quando escolhíamos vir pela Rua Mena

Barreto. Ela tinha uma empregada já velhinha que virou personagem de um curta-metragem (Rugas). Elas usavam uma cestinha amarrada a uma corda para enviar objetos do andar de cima para baixo. Para subirmos ao pavimento superior, escalávamos uma escada em caracol. As visitas a parentes também envolviam idas à casa do Tio José em São Conrado que, naqueles tempos, era um bairro afastado, com praia deserta. Ele era irmão da vovó Paulinha, casado com Tia Gilda e tinha 5 filhas. Caíamos na piscina e admirávamos a vista para a praia. Ele era aviador, mas, curiosamente, também fazia pranchas de surfe. A oficina ficava no andar de baixo e tinha cheiro forte de cola e parafina. Entre os surfistas de uma geração, ficou conhecido como Parreiras.

Vez por outra, também íamos a ABB, clube que fica na Lagoa, como convidadas de amigos da Tia Ely. Nosso desafio era atravessar por baixo de uma “ilha” de azulejo no meio da piscina. No bar contíguo, comíamos misto quente. Mas, voltando ao bairro de Botafogo, outros passeios comuns eram as idas ao Museu Casa de Rui Barbosa e ao jardim da casa da família Paula Machado, ambos na Rua São Clemente. Este último era uma propriedade privada, mas mantinha seus portões abertos para a livre entrada de crianças, mães e babás. As sombras eram bem vindas, mas sinto os olhos ardendo ao lembrar de uns bichinhos chamados de “lacerdinhas” que caíam das árvores.

Podíamos contar também com Tia Ely que sabia dirigir e que junto com minha mãe nos levava à praia ou para passear e brincar no Jardim Botânico, Parque Lage, Parque do Flamengo, etc. Ela é bem baixinha e sempre teve carros grandes. Aliás, andar de carro pela cidade era um costume. Meu pai gostava de nos levar para ver os morros (Corcovado, Vista Chinesa, Alto da Boa Vista, Mirante Santa Marta, Santa Tereza), mas o nosso carro, ao contrário, era um fusquinha. Éramos acordadas assim: “Viva o sol, o sol da nossa terra, vem surgindo atrás da linda serra!”.

Nessas idas e vindas, a cidade ia se revelando por meio de signos inscritos nos monumentos, nos hábitos, nas relações sociais, nas modas e nos personagens que atraíam o meu olhar e atenção. Rabello de Castro(2004) sintetiza bem esse movimento:

As ruas da cidade engendram e assumem as diversas possibilidades do humano: do lúdico que transforma a matéria inerte do mundo em estar-com-o-outro, brincadeira e imaginação, até ao que é sombrio, sinistro e mortífero. As ruas se

parecem conosco, com o modo pelo qual compreendemos e construímos o estar-junto com os demais. Os demais? Quem são os demais? Os demais são demais para nós? Com quais “demais” aceitamos conviver? Nas ruas da cidade os outros se tornam “os de-mais”, ou seja, quase excessivos, insuportavelmente próximos, acoessando-nos com a estranheza que despertam em nós. (p. 55)

Na frente do colégio onde estudava havia um vendedor de cocadas que vestia-se de branco do pés à cabeça. Ele usava ainda um turbante e gritava “Maaaary, Maaaaary”! Minha irmã caçula tinha pavor de encontrá-lo. Dessas figuras que circulavam pelas ruas, outro marcante era o amolador de facas. Era impossível ignorar sua presença.

Quando ficávamos brincando na vila sozinhas, éramos aconselhadas a não conversar com as ciganas, que, de vez em quando, apareciam pelas ruas. Elas me provocavam curiosidade e medo ao mesmo tempo assim como um índio que morava debaixo da escada dos fundos do meu prédio. Esses personagens reais povoavam a imaginação ao se tentar entender por que eram tão evitados pelos adultos em geral. A criança ao penetrar a cidade segue os corredores subterrâneos das histórias:

O fio de Ariadne que guia a criança no labirinto não é somente o da intensidade do amor e do desejo; também o é o fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a que esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje. (Gagnebin, 2004, p. 92)

E, se guardo em mim essas lembranças, é sinal de que começava a perceber que tais reações estavam ligadas a uma realidade mais ampla.

A criança já não está mais encerrada em si mesma, pois seu pensamento agora domina perspectivas inteiramente novas, e onde ela sabe muito bem que não está só a passear seus olhares; entretanto, ela não saiu de si e, para se abrir a essas séries de pensamentos que são comuns aos membros de seu grupo, não é obrigada a esvaziar seu espírito, porque em algum aspecto e sob alguma relação, essas novas preocupações voltadas para fora sempre interessam o que chamamos aqui de homem interior, ou seja: elas são inteiramente estranhas a nossa vida pessoal. (Halbwachs, 2006, p. 81)

Para Halbwachs, portanto, a partir de uma tenra idade a criança já começa a pensar em comum com as outras pessoas e seu pensamento se divide entre o

fluxo de impressões inteiramente pessoais e as diversas correntes do pensamento coletivo.



Minha mãe só começou a trabalhar quando eu tinha cerca de 7 anos. Era inicialmente secretária na Aliança Francesa de Copacabana e depois assumiu o papel de bibliotecária. Minha convivência com os livros era, portanto, de várias ordens. Como fazia o curso, aos 11, 12 anos, ficava com ela nas horas vagas e gostava, entre outras coisas, de ajudar a preencher as fichas de empréstimo. Ficava ouvindo a conversa dos professores: Karydakis, Carlota, Fontova, Gilberto Braga... No acervo, Bécassine, Tintin, Asterix, Cahiers de Cinema, entre outras preciosidades que ficavam acessíveis. Monsieur Janot era o diretor. Gostava de chamá-lo de Monsieur Ledou, personagem do livro *Capelle* usado nas aulas: “Alô, c’est Phillippe Ledou? Oui, c’est moi”. O momento era rico culturalmente. Havia também um cineclube que mostrava filmes de vanguarda.

Nossas famílias se freqüentavam, o que deu origem a uma amizade que dura até hoje: conheci Isá e Jean aos 11 anos. Sua mãe, Margarida, carinhosamente chamada de Dida, era uma figura simpática e engraçada. Quando íamos aos domingos à tarde na casa deles, no Cosme Velho, ela nos recebia com crepes que escondiam um segredo. Numa delas, havia uma linha, colocada na massa. Ficávamos na expectativa de saber quem seria o azarado da vez. Jean e Isá estudavam na escola francesa e, nas festas, eu gostava de observar as danças, o *rock* francês e os diálogos naquele idioma. Isá acompanhava o movimento musical e me apresentava o que conhecia. Para desespero de seu pai, ouvíamos Carpenters sem parar: “Oh yeah, wait a minute, mister Postman...”

E, por falar nisso, em casa, tínhamos uma vitrola Phillips. Era portátil e tínhamos que abrir, posicionar as caixas de som e ajustar o disco no lugar. Se fosse um compacto, era necessário colocar uma peça no meio para encaixar o disco. Lembro especialmente de dois, um com a música Help! e outro com cantigas de roda francesas das quais gostava mais do “Malbrough s’en-va-t-en guerre, Mirinton, ton, ton, Mirintaine; Malbrough s’en-va-t-en guerre, ne sait quand reviendra...” Ouvíamos os de vinil coloridos, da Coleção Disquinho e aquele que tinha “A minha gatinha parda, que em janeiro me fugiu, quem roubou

minha gatinha, você sabe, você viu”. Na capa, podia-se ver o desenho de uma velha numa sacada dirigindo-se a um menino que, sem que ela pudesse ver, pois os braços estavam para trás, segurava o gato pelo pescoço. Estes já não exigiam o ajuste acima mencionado.

Meu pai nos mostrava empolgado o LP dos Mutantes e juntos cantávamos também A banda ou Morena dos olhos d’água, de Chico Buarque. Ele gostava de me provocar, pois sabia que além de adorar os Beatles, era apaixonada pelo Ronnie Von. Como conhecia um irmão dele que era arquiteto também, ameaçava dizendo que pediria um autógrafo. Morria de vergonha e saía correndo! As marchinhas de carnaval também faziam parte do nosso repertório, mas não lembro de nenhum disco específico. Ele as cantava para gente nos mais variados momentos. A que mais gostava era “Chiquita, bacana lá da Martinica...”

3.5

Escola

O Curso Infantil Masset era uma escola pequena criada por uma família que a instalou em sua residência que ficava numa casa antiga, na rua Voluntários da Pátria. Na merendeira de couro, levava vitamina de abacate. Foi uma experiência gostosa e lembro-me de várias situações. De algumas existem fotos e de outras não. Numa das festas juninas, fui a noiva e vestida de Emília casava-me com o Marquês de Rabicó. Da comemoração pela chegada da primavera, não existem registros fotográficos, mas algumas cenas permaneceram na memória. Lembro que fizemos um Pau de Fitas que exigiu muitos ensaios, mas que ficou lindo no dia do evento.

Fizemos dois passeios inesquecíveis para fora do Rio. Um deles foi para uma fazenda em Bananal, chamada Bocaina e que tinha uma casa antiga, com muitas histórias. Logo que chegamos, fui me exhibir subindo numa árvore. Desci correndo e chorando, pois minha cabeça ardia e parecia que levava uma mordida de cobra, mas descobriu-se que tinha encostado numa colmeia. O outro, feito na companhia de colegas e professores, foi para Friburgo. Lembro que o irmão da diretora, a quem chamávamos de “Tio Sergio”, nos levou para descer num tobogã que tinha sido instalado numa praça. Sabia que meu pai não aprovava esse

brinquedo, mas não falei nada. Dito e feito, na descida, fiz uma pequena queimadura no braço e tive que confessar a travessura. Mais tarde, essa escola mudou-se para a Rua da Matriz, ainda em Botafogo.

Certo dia, na brinquedoteca, aproximou-se de mim um sujeito alto, careca e magro, perguntando se eu era a Cristina; estava acompanhado da mulher com um bebê no colo. Diante da afirmativa, disse que havíamos estudado juntos. Perguntei se era da PUC. Ele disse: não, antes. Do São Vicente? Não, antes... De repente, consegui vê-lo criança, sardento, cabeludo e gordinho. Dias depois, deixou-me uma foto que eu não tinha. Nela aparecem, “Tia” Conceição, minha primeira professora, colegas de quem me lembro bem, outros nem tanto. Ele era o Luiz Augusto, o primeiro da esquerda para a direita. E mais detalhes chamaram-me a atenção: podemos ver alguns brinquedos no alto do armário, ao fundo. Invadiu-me uma sensação agradável, pois deram concretude ao jacaré e à tartaruga que sempre se mantiveram como sombras em minhas lembranças.



Figura 53: “Tia Conceição” e colegas do Curso Infantil Masset



Figura 54: Detalhe dos Brinquedos da escola

Esse colégio foi, aos poucos, perdendo alunos e acabou sendo vendido para o Instituto Santo André (“entra burro e sai lelé”). Essa passagem teve repercussões importantes em mim. As amigadas criadas desde os quatro anos sofreram acomodações com a saída de alguns colegas e a entrada dos novos alunos que vinham da antiga sede que ficava no Cosme Velho. A realidade deles era um tanto diferente. As famílias eram mais abastadas, ao passo que a maioria de nós tinha uma vida de classe média.

Nesse novo contexto, fiz grandes amizades que se estenderam pela adolescência. Fui algumas vezes para a casa de praia de uma dessas amigas, em Iguaba. Lembro de ir a uma daquelas salinas desativadas. O chão era forrado de uma lama fininha que chamávamos de “ciliputh” ou algo do gênero. Nos cobrimos dos pés à cabeça e fomos fingir para sua mãe que éramos estátuas. Divertia-me muito com os jogos de carta que contavam com a participação de seu irmão mais velho, amigos dele, o pai e a mãe. Por outro lado, passei por situações que envolviam um tipo de preconceito que não podia compreender na ocasião. Minha irmã mais nova e eu costumávamos dormir na casa de duas irmãs que tinham idades correspondentes. Adorávamos fazer isso, mas não sabíamos por que as empregadas nos dirigiam tratamento diferenciado. Não sei se de fato era intencional, mas à noite, com o ar condicionado ligado, as meninas dormiam sob confortáveis edredons, mas nós duas morríamos de frio, pois tínhamos apenas um lençol para nos proteger. Embora a família não nos tratasse de forma diferente, eram as empregadas que faziam distinção entre as “amigas antigas e ricas” e as “amigas novas e pobres”.

A professora gostava de fazer a seguinte ironia: quando alguém respondia que estava pensando na resposta para uma determinada pergunta, ela dizia “pensando morreu um burro, pastando em Cascadura”. Os desenhos que adorava fazer não eram muito notados. Mas, felizmente, meu interesse foi captado e incentivado por meus pais que inscreveram-me na Escolinha de Artes do Tablado. Era um espaço mágico, pois além das aulas de arte, frequentava as peças de teatro escritas e encenadas por Maria Clara Machado: Pluft, o fantasminha; Cavalinho Azul; A volta do Camaleão Alface; Maroquinhas Frufru; Tribobó City, etc.

Outro grande conflito vivido por mim nesta época era o de achar minhas redações muito criativas, mas nunca conseguir tirar nota 10. Até bem pouco tempo, minha escrita era presa, contida, resumida.

Ainda assim, grande parte das lembranças do Santo André é positiva, pois gostava de aprender e preencher os exercícios da cartilha “A Mágica do Saber” e orgulhava-me de declamar “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...” de cabo a rabo. Sabia também o nome inteiro da princesa Isabel (Isabel Cristina Leopoldina etc.) e orgulhava-me de dizer que era tataraneta do Visconde de Ouro Preto.

Ao refletir sobre essas experiências, identifiquei questões que venho estudando desde que fiz o Mestrado em Educação e que passei a atuar na área de formação de profissionais de Educação Infantil.

Entrei para o maternal aos 4 anos e nessa época, minha mãe ainda não trabalhava, mas os jardins de infância começavam a tornar-se mais comuns, embora ainda houvesse grandes polêmicas sobre a validade de se educar a criança fora da família. A maioria das crianças dessa geração entrava para a escola aos 7 anos.

Segundo Kuhlmann Jr (1998):

Sabe-se que foi apenas com a expansão da força de trabalho feminina aos setores médios da sociedade, em todo o mundo ocidental, a partir da década de 1960, que se ampliou o reconhecimento das instituições de educação infantil como passíveis de fornecer boa educação para as crianças que as freqüentassem. A demanda desses setores promoveu uma recharacterização das instituições, que passaram a ser vistas como apropriadas a crianças de todas as classes sociais. Mas esse dado real não concentra o âmago dos significados relacionados à expansão da educação infantil. A vontade de propiciar uma boa educação para seus filhos não é exclusiva das mulheres de classe média ou alta. (p. 181)

O autor alerta que contingentes de mulheres que tiveram que se submeter à exploração do trabalho recorriam a essas instituições para que as crianças tivessem um destino mais digno.

Quando, a partir do final da década de 1960, ocorreu a demanda por creches por parte dos setores médios da sociedade, esta também se ampliou no interior das classes populares, que buscavam alternativas para a educação de seus filhos pequenos, compatíveis com as exigências apresentadas pelo mundo do trabalho e pela vida em centros urbanos. (p.182)

Foi somente em 1974 que esse segmento recebeu atenção do governo federal com a criação da Coordenação de Educação Pré-escolar (COEPRE) do

Ministério da Educação e Cultura (MEC) e em documentos e pareceres do Conselho Federal de Educação (CFE). (Nunes, Corsino e Kramer , 2005, p. 17)

Ao melhor estudar a história da criação dos jardins de infância no Brasil, encontrei a declaração de Alexina de Magalhães Pinto, tia de minha avó Paulinha. Kuhlmann Jr. revela que no Congresso Americano da Criança, em 1916, ao falar sobre o estudo da psicologia da criança brasileira, ela propunha a real e não só a formal anexação de jardins-de-infância e creches aos estabelecimentos de educação, preparo e amparo feminino já existentes, como campo de estudo e experiência. (p.171)

Fiquei surpresa, pois quando assumi a coordenação da Brinquedoteca Hapi, li um livro de sua autoria sobre brincadeiras tradicionais, mas não sabia que ela era ligada ao Instituto Moncorvo e que atuava na defesa dessas instituições. Nasceu na Fazenda Ouro Fino em 1870 e foi uma mulher inovadora em sua época. Viajou para a Europa sozinha e teve contato com as novas ideias sobre educação de crianças pequenas que circulavam por lá. Quando voltou em 1891, trouxe uma bicicleta e seus passeios por São João D’El Rei chocavam a população. Ingressou na carreira docente em 1893 e foi professora de Cecília Meireles na Escola Normal. Vovó sempre falava dela com orgulho e fez questão de me apresentar seus livros¹² que reuniam cantigas de roda, provérbios, adivinhas, contos populares, etc. Suzana Cecília Igayara (2008), docente do departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP, faz a seguinte análise de uma de suas obras, intitulada *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares*, uma das primeiras coletâneas do gênero do século XX:

O livro de Alexina apresenta-se como uma coletânea comentada de canções, publicado em 1916 na Biblioteca Infantil da Livraria Francisco Alves. No entanto, a própria autora constitui múltiplos leitores, e a cada um deles endereça suas notas, destinadas, primeiramente, “Às crianças”, em seguida, “Alguns conselhos sobre a maneira de se servirem deste livro os pais, as crianças, os educadores”, com uma observação para que se vejam as “Notas em Apêndice”, e por último traz uma “Nota justificativa aos estudiosos e aos educadores”, um texto mais longo e mais elaborado. No final do livro, estão as “Notas em Apêndice”, em que tanto estão explicações sobre determinadas canções, como a defesa de princípios pedagógicos e recomendações aos artistas e educadores.

¹² Os livros são: Pinto, Alexina Magalhães. **Biblioteca Infantil**. Coleção Ics, série C. RJ:J. Ribeiro dos santos, 1907.

_____. **Os nossos brinquedos**. Coleção Icks, série B. Lisboa: Tipografia A editora, 1909.

_____. **Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares**. Coleção Icks, série ^a Rj: Livraria Francisco Alves, 1916.

Além de musicista, Alexina foi professora de desenho, o que explica seu interesse pelas diversas áreas de expressão: texto/música/ilustração. A ilustração, uma característica da literatura para crianças, é vista como importante fator de motivação para que as crianças queiram conhecer as histórias e as canções, e em diversos momentos a autora critica a falta de ilustrações brasileiras que pudessem ser utilizadas, fazendo um apelo aos pintores e fotógrafos para que se interessassem pelos assuntos brasileiros ligados à infância.

(disponível em:

http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Susana_Cecilia_Igayara.pdf)

Tia Alexina morreu tragicamente, em 1921, com 51 anos, atropelada por um trem em Correias, Estado do Rio de Janeiro. Em minhas escavações, mais uma descoberta ampliou de modo interessante a minha rede de “próximos”. Ao consultar uma prima irmã de minha mãe, Maria de Lourdes Parreiras Horta, fiquei sabendo que tia Alexina era filha do primeiro casamento de Eduardo Almeida Magalhães (avô materno de minha avó) e irmã de ninguém menos que tia Sinhá, a fotógrafa! Esta era filha do segundo casamento, com Cândida Sobral Pinto (irmã do pai de Sobral Pinto). Ou seja, ambas eram irmãs de minha bisavó Ruth que já foi citada anteriormente. Tia Sinhá também morreu tragicamente num acidente de automóvel, na fazenda Ouro Fino.

Depois que estabeleci essas relações, procurei uma das fotografias em que Tia Sinhá aparecia e que havia descartado inicialmente, pois a luz está muito estourada e os nomes das pessoas estão escritos à caneta por cima. Nesse retrato de 1908, Bisa Ruth, Tia Sinhá e Tia Alexina estão em meio a outros parentes, na fazenda Ouro Fino.



Figura 55: Ruth, Sinhá e Alexina na Fazenda Ouro Fino

*

Graças a uma bolsa de estudos, minhas irmãs e eu fizemos balé clássico, no meu caso, dos 8 anos aos 13 anos. Participei de duas montagens do Quebra Nozes onde fui doceira e fada. Além dos ensaios, dos quais participava com enorme prazer e nos quais admirava os bailarinos Fernando Bujones e Círyl Atanasov trabalhando, lembro-me que minha mãe nos levava para ajudar as costureiras responsáveis pelas fantasias. Ficávamos no chão catando alfinetes.

Subir no palco do Teatro Municipal e circular pelas coxias e bastidores, que conhecia apenas pelas mãos de minha Tia Yara, era indescritível! Sinto o coração acelerado e o vento frio que vinha da platéia, no momento em que as cortinas se abriam. Minhas irmãs e eu dançávamos sempre que podíamos e não é difícil encontrar fotos em que estamos fazendo poses típicas do balé clássico, nos cenários mais insólitos.



Figura 56: Balé no mato

Houve um período em que ficava também dois dias por semana na escola, de manhã, para realizar atividades extras e almoçava por lá. Dona Célia era a cozinheira. Os pratos fundos, de plástico colorido, me remetem a essa experiência. As aulas de música, arte, capoeira e ginástica olímpica foram marcantes. Aprendi a “plantar bananeira” e em todo lugar que ia, ficava de cabeça para baixo. Numa dessas, esbarrei numa fruteira da minha Tia Norma, casada com o Tio Pery, irmão mais velho de meu pai. Era de murano, presente de casamento, mas não houve consequências mais sérias. Numa outra tentativa, quebrei dois dentes definitivos.

*

Em 1976, aos 13 anos, mudei de escola. Vários colegas e amigas fizeram o mesmo. A mais chegada naquele momento era a colombiana Margarita. Seu pai era sociólogo do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), fato que só vim a decifrar mais tarde, quando fiz a faculdade de História na PUC. Ele estudava o Brasil e um dia deparei-me com seu nome, Fernando Uricoechea, como autor do livro *O Minotauro Imperial*. Íamos lá de farra, apenas para andarmos sozinhas. A sede ficava na rua onde eu morava. Ele gostava de cozinhar e fazia o melhor macarrão “ao pesto” que já experimentei.

Fomos para o Colégio São Vicente de Paulo, que era uma escola de vanguarda na época e passei a ter uma idéia mais nítida do momento político que nos cercava. Antes, captava alguns rumores que não entendia bem. Certa vez, saíamos da casa da Tia Ely, que morava no Flamengo, para brincar no parque em

frente, mas fomos aconselhadas por um senhor, a voltar para casa. A UNE (União Nacional dos Estudantes) ficava ali perto. Estava acontecendo uma manifestação estudantil (minha mãe não soube me dizer exatamente o que era). A suspeita é de que se tratava da invasão da sede pela polícia, o que acabou em violência. Nos saraus que o colégio promovia, as músicas de ordem eram “Para não dizer que não falei das flores” e “Viola Enluarada”. Meu pai, por sua vez, tinha livros escondidos e me recomendava a não repetir algumas músicas fora de casa. Quando tive oportunidade, li com voracidade aqueles que diziam respeito à guerra do Vietnã.

Nas férias escolares, que duravam 3 meses no verão e um mês no inverno, além da “fazenda”, que tem muitos momentos retidos pela fotografia, costumávamos ir para Búzios, quando a praia de Geribá era ainda deserta. A viagem durava mais de 5 horas! Não havia a Ponte Rio-Niterói. Íamos de barca. Em Cabo Frio, atravessávamos uma passagem estreita para em seguida, enfrentarmos uma estrada de barro cheia de armadilhas. E lá, ninguém parava para fotografar! (“Enquanto eu corria, assim eu ia lhe chamar, enquanto corria a barca...”)

Alguns poucos filmes, feitos por Tio Henrique acabaram se perdendo. Aficionado por jazz, possuía no entanto, discos de toda natureza e reunia amigos e primos para escutar músicas latino-americanas - era amigo do Cônsul chileno, do período Allende - ou que escondiam mensagens contra a ditadura militar como “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia...”

Das experiências com o mar, dos colares feitos de conchas, do espanto de encontrar peixes voadores, dos passeios ao por do sol espetando as anêmonas agarradas nas pedras da praia da Armação, onde ficava o Solar do Peixe Vivo, dos mergulhos e das conversas entre nós na beira do cais - só restaram lembranças. “Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como poderei viver, como poderei viver sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?”.... A casa onde passávamos as férias pertencia ao Osvaldo Penido, amigo de Juscelino Kubitschek que foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961. O nome do solar foi dado em sua homenagem, pois era comum que passasse temporadas por lá. Como a mulher de Osvaldo não gostava de viajar, quem costumava desfrutá-lo, para nossa sorte, era o sobrinho Henrique.

No Rio, também íamos a praia de Ipanema regularmente. Usávamos bóias e pranchas de isopor. Para não ficarmos assadas, minha mãe as forrava com tecido. Não existia filtro solar e era, portanto, comum ficarmos vermelhas e ardidas. O cheiro da pasta d'água (Pomada de Lassar, à base de zinco) que éramos obrigadas a colocar no nariz é inconfundível! Fazíamos buracos, castelos e assim como em Búzios, catávamos tatuís. Às vezes, pedíamos para alguém cozinhá-los para nós e comíamos com arroz e ... areia.

3.6

Comemorações

Das fotos que estavam nos álbuns de minha avó, 3 eram de uma festa de aniversário que não consegui identificar, mesmo pedindo a ajuda da família. O cenário é a casa da vovó Paulinha. As crianças que reconhecemos são os dois meninos, filhos da empregada e uma menorzinha que parece ser a minha prima.



Figura 57: Mesa do bolo; “Parabéns”; Suco e brigadeiro

Pela data, março de 1969, pode ser do meu aniversário de 6 anos. Como nasci em fevereiro, era comum que coincidisse com as férias escolares e vez por

outra, com o Carnaval, o que dificultava as comemorações. Lembro-me apenas de algumas festas como aquela, na fazenda, cujo bolo foi feito num tabuleiro com formato de coelho e outra, na vila, em que usei uma fantasia de tirolesa. Quando aconteciam no Rio, reuniam-se os primos, alguns amigos mais chegados e a família. Os enfeites eram simples; o bolo, os brigadeiros, os cajuzinhos e o suco eram feitos em casa. Os convites muitas vezes eram elaborados por nós mesmas que desenhávamos e escrevíamos o nome dos convidados. A grande sofisticação era a projeção de slides com histórias tradicionais.

Nas festas de amigas, às vezes, esse momento era substituído por um “cineminha”, o que exigia recursos tecnológicos mais sofisticados. O curioso é que apesar de tantas situações terem sido registradas fotograficamente, esses eventos praticamente não aparecem representados!

Numa fotografia em que estou acompanhada de primos que moravam fora do Brasil e noutra em que estou sozinha, ambas tiradas no mesmo dia, podemos ressaltar o vestido novo e o broche de águas-marinhas. Percebe-se que eram datas importantes, mas certamente não envolviam tanta produção e despesas como as que exigem as festas atuais. E, na simplicidade, nos divertíamos muito!

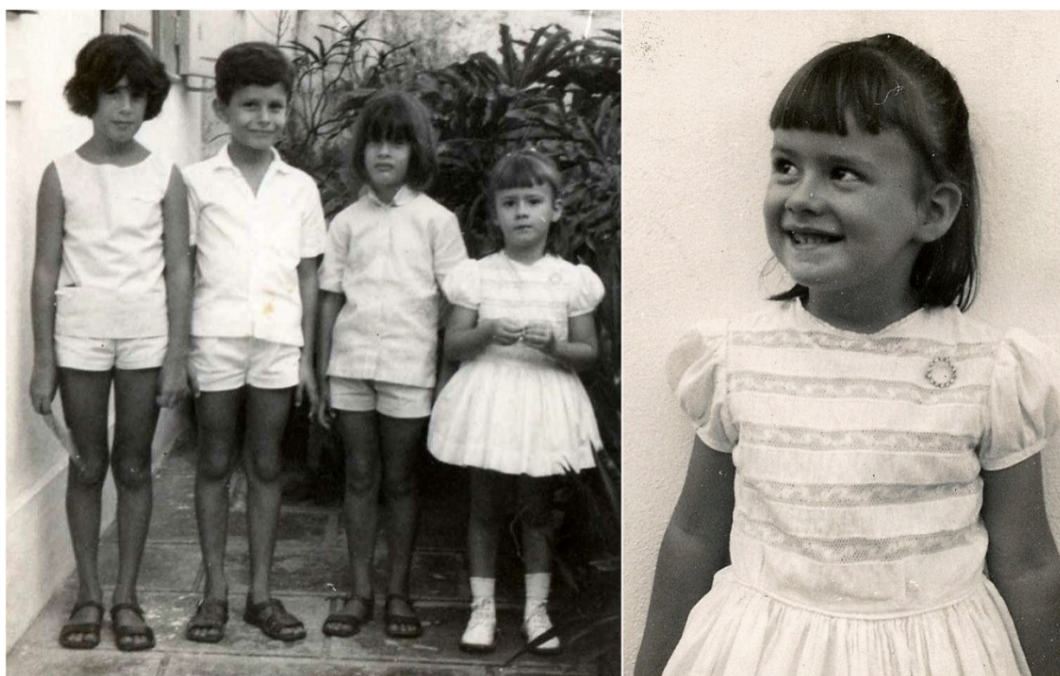


Figura 58: Os primos e eu no aniversário de 4 anos; Roupas e broche de festa

*

As cicatrizes no corpo deixam evidente o avesso de tantas aventuras. As brigas, as palmadas, os desencontros e as decepções também ficaram às margens. Mas, nesse balanço, fica claro que tive bastante liberdade na infância e que esta não foi particularmente permeada por muitos medos e inseguranças. Estes vieram em momentos posteriores da vida. Bosi (2009) levanta questões interessantes sobre a lembrança que temos da infância e da juventude:

A criança sofre, o adolescente sofre. De onde nos vêm, então a saudade e a ternura pelos anos juvenis? Talvez porque nossa fraqueza fosse uma força latente e em nós houvesse o germe de uma plenitude a se realizar. Não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo. E assim foi o primeiro encontro da criança com o mar, com o girassol, com a asa na luz. Ficou no adulto a nostalgia dos sentidos novos. (p. 83)

Mas não se pode nunca perder de vista que este recorte é apenas uma das construções possíveis desse passado. A prática de recontar a história, própria das crianças, que querem ouvir sempre de novo e do idoso, que rememora e reconta o que foi mais significativo, precisou ser por mim exercitada.



Termino esse capítulo com uma fotografia feita por minha avó Paulinha. Ela que com seus 100 anos continua entre nós. Numa entrevista que concedeu a uma emissora de televisão, quando fez 90 anos, todas as vezes que a jornalista perguntava como era “no tempo dela”, ela respondia falando que o presente era melhor, tinha mais recursos. O tempo dela, na verdade, é o presente, mesmo que vivido de maneira menos desbravador do que há 10 atrás. No contexto daquela entrevista, ela havia ido para Portugal fazer pesquisas na Torre do Tombo sobre as estátuas que se encontram em cima do Museu Nacional. A fotografia abaixo mostra a porta de um museu em Tiradentes iluminada por uma luz externa e pode ser tomada como alegoria do que vem a seguir. No verso, minha avó escreveu: “Criação. E foi assim que tudo começou. Luz. Arte. Poesia.”

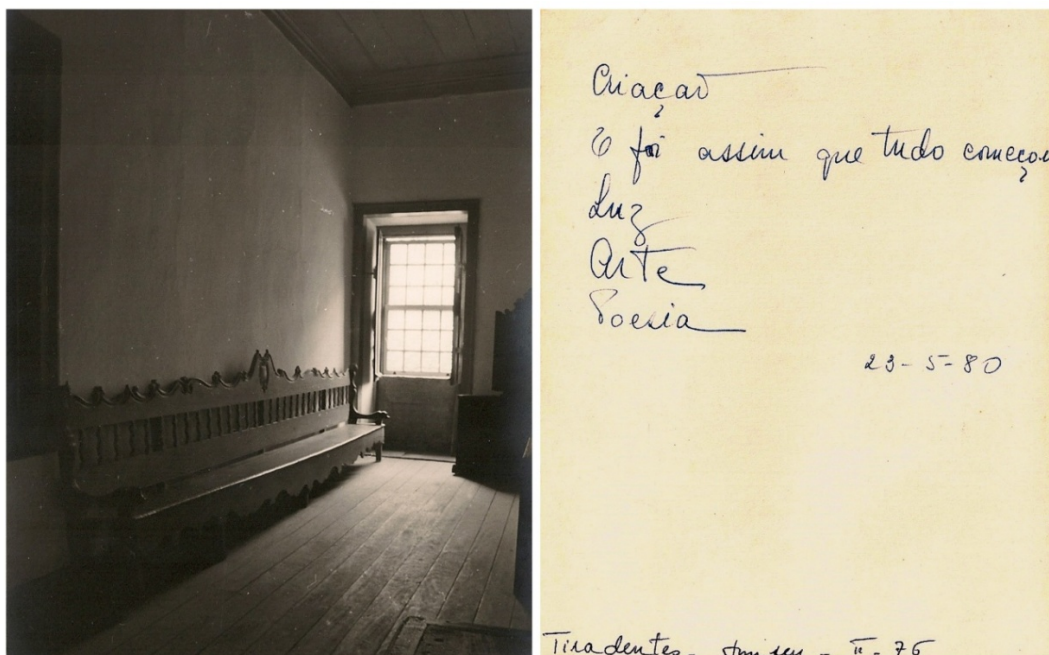


Figura 59: Porta de museu em Tiradentes; Verso da fotografia

A brinquedoteca chamava-se Hapi que queria dizer, no idioma dos índios Yanomami, entrada, passagem e um de seus objetivos era o de ser uma porta aberta para as crianças descobrirem as inúmeras histórias que circulavam nos museus e as que eram trazidas por cada um que ali chegava.